



## RIOBALDO: TRAVESSIA DO HERÓI PROBLEMÁTICO NO GRANDE SERTÃO



## RIOBALDO: CROSSING THE PROBLEMATIC HERO IN THE GRANDE SERTÃO

IZABELLY MARIA DA SILVA MOTA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 23/07/2021 • APROVADO EM 01/10/2021

---

### Abstract

---

This article aims to analyze the problematic profile of the protagonist Riobaldo, in the book **Grande Sertão: veredas**, by writer João Guimarães Rosa. The approach highlights the character of the novelistic hero, who experiences a conflict of inadequacy with the world, marked by his reflections. The novel is analyzed in the light of the concept of the problematic or demonic hero conceived by Georg Lukács, present in the work **Theory of the Romance** (2000). This production characterizes the novel as a genre deeply related to the rise of the bourgeoisie. Walter Benjamin's concepts are also used, when necessary, in his essay **The narrator** (1994), in which the philosopher addresses the issue of the lonely individual, which is portrayed in the modern novel. The analysis, therefore, approaches the concept of identity construction, based on Riobaldo's inner conflicts. The work under study also addresses the conflict between the "I" and the world, giving space to the individual's individual marks, a predominant feature in the modern novel. In this way, the crossing of the character Riobaldo, impotent in face of reality, is also understood with the theoretical help of Candido (2002) and Nunes (2013), who show the relevance of Guimarães Rosa's production.

---

### Resumo

---

Este artigo tem como objetivo principal analisar o perfil problemático do protagonista Riobaldo, no livro **Grande Sertão: veredas**, do escritor João Guimarães Rosa. A abordagem evidencia o caráter do herói romanesco, que vivencia um conflito de inadequação com o mundo, marcado por suas reflexões. O romance é analisado à luz do conceito do herói problemático ou demoníaco concebido por Georg Lukács, presente na obra **A Teoria do Romance** (2000). Esta produção caracteriza o romance como um gênero profundamente relacionado ao surgimento da burguesia. Além disso, é utilizado, quando necessário, os conceitos de Walter Benjamin em seu ensaio **O narrador** (1994), nele o filósofo aborda a questão do indivíduo solitário, que é retratado no romance moderno. A análise, por conseguinte, se acerca do conceito da construção da identidade, a partir dos conflitos interiores de Riobaldo. A obra em estudo, ainda aborda o conflito entre o “eu” e o mundo, dando espaço às marcas individuais do sujeito, característica predominante no romance moderno. Desse modo, a travessia do personagem Riobaldo, impotente perante a realidade, também é compreendida com o auxílio teórico de Candido (2002) e Nunes (2013) que evidenciam a relevância da produção de Guimarães Rosa.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa. Troubled hero. Crossing.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. Herói problemático. Travessia.

---

### Texto integral

---

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura e análise do romance moderno permite observar que este se renova continuamente. Além de não ser mais possível formular, como na epopeia antiga, um herói clássico que seja regido pelo senso de justiça, valentia e coragem. De acordo com Benjamin (1994), o fim da narrativa procede dos novos modos de modos de produção, que exigem um novo modo de narração.

Dessa forma, de acordo com o autor, nasce o romance, que surge em meio ao seio das forças burguesas, tratando de evidenciar as possibilidades e limites do homem na modernidade. Assim, o romance, segundo Benjamin (1994), representa o indivíduo isolado, angustiado e fragmentado, isto é, demonstra uma ideia oposta à da totalidade que é defendida pela epopeia. Para o autor, o romance moderno induz o indivíduo a questionar o sentido da vida.

Neste contexto, se encontra a escrita de João Guimarães Rosa. O autor explora a reflexão e interioridade das personagens, demonstrando o isolamento do eu em relação à exterioridade do mundo. Assim, o isolamento torna-se muito presente na obra **Grande Sertão: veredas**, publicada em 1956, quando o personagem Riobaldo é representado em uma relação de completa inadaptação com o mundo.

Assim, o conceito crítico do herói problemático, idealizado pelo húngaro Georg Lukács em seu livro **A Teoria do Romance** (2000), ilustra claramente a análise na abordagem da trajetória problemática do personagem Riobaldo. Para a produção da sua obra, Lukács realiza uma distinção entre o mundo da epopeia e o do romance. Dessa forma, o teórico desenvolve a categoria do herói problemático.

De acordo com Benjamin (1994), o surgimento do romance vai acarretar na morte da narrativa. O narrador extrai da experiência o que ele sabe, ao passo que o

romance não tem esse atributo. O romancista relata o incomensurável em uma vida humana. Dessa forma, o romance encontra no capitalismo, que está surgindo e na burguesia, o local apropriado para o seu desenvolvimento.

Partindo das reflexões estabelecidas pelos críticos, será realizada uma análise do herói romanesco, representado por Riobaldo, durante o seu percurso pelo sertão. Será explorado o perfil problemático do protagonista, que realiza ao longo da obra, uma jornada em busca de sentido e autoconhecimento.

## 2 A SOLIDÃO DO HERÓI NO GRANDE SERTÃO

**Grande Sertão: veredas** é uma obra de João Guimarães Rosa e retrata a vida do jagunço Riobaldo. Na produção, é explorada a travessia do protagonista pelo sertão e os acontecimentos decorrentes dessa jornada. Sobre o livro, Antonio Candido afirma que:

Na extraordinária obra-prima **Grande Sertão: Veredas** há de tudo para quem souber ler e nela tudo é forte, belo e impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar. (CANDIDO, 2002, p. 121).

A partir desse comentário, apresenta-se clara a noção de grandiosidade e importância da obra, pois tornou-se um marco na literatura brasileira, tanto pelo conteúdo, quanto pela criatividade e genialidade de Guimarães Rosa. Tendo em vista, o livro ser um romance, o teórico Georg Lukács aborda alguns conceitos e reflexões que são vitais para o entendimento do gênero e suas características.

Em sua produção, Lukács realiza uma espécie de comparação entre a epopeia e o romance. Ele afirma que “O romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade.” (LUKÁCS, 2000, p. 55).

Na epopeia, o herói e o mundo apresentam consonância e a existência das divindades estabelecem a totalidade, no romance, há uma ruptura entre tais elementos. Desse modo, sujeito e realidade passam a se opor, sem obter um vínculo harmonioso e ocorre um alheamento do herói em relação à exterioridade. Assim, o romance busca construir e descobrir, através da forma, a totalidade oculta e extensiva da vida. Porém, o indivíduo é entregue à própria sorte e passa a estar em dissonância com o mundo e a realidade. Dessa forma, Lukács afirma que: “O romance é a epopeia do mundo abandonado por deus [...]” (LUKÁCS, 2000, p. 89).

O teórico compreende o romance, como uma epopeia burguesa, porém a difere da que possui caráter clássico. Ele caracteriza da seguinte forma, na era clássica, o homem tem no universo a sua casa e movimenta-se como um todo completo e que possui equilíbrio em um mundo de significado imanente. Já no

romance, essa integração harmônica é rompida e o herói almeja a realização dos seus desejos em um mundo abandonado por Deus.

[...] o Deus do cristianismo começa a deixar o mundo; em que o homem torna-se solitário e é capaz de encontrar o sentido e a substância apenas em sua alma, nunca aclimatada em pátria alguma; em que o mundo, liberto de suas amarras paradoxais no além presente, é abandonado a sua falta de sentido imanente; [...] (LUKÁCS, 2000, p. 106).

O ser humano passa a ser solitário, buscando o significado da vida em sua própria interioridade, pois o mundo não apresenta mais sentido imanente. Tais conceitos são de extrema relevância para pensar a obra **Grande Sertão: veredas**, visto que, o romance possui as características abordadas por Lukács. O personagem Riobaldo, ao longo da obra, demonstra sentir-se sozinho, apesar de estar acompanhado pelo bando de jagunços. Em uma passagem, ele afirma que, “Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas horas [...]” (ROSA, 1994, p. 210).

A travessia de Riobaldo representa a solidão do homem moderno em um mundo que Deus não está mais presente. Há um momento em que o personagem reflete, “Sertão é o sozinho. [...] Sertão: é dentro da gente.” (ROSA, 1994, p. 435). Nesse trecho, demonstra-se clara a visão do sertão não apenas como um espaço físico na obra, mas como solidão, algo que está no interior do ser humano.

Em alguns momentos, essa solidão é apresentada, quando Riobaldo demonstra ter dúvidas da presença divina. Na passagem “O senhor podia perguntar: Deus, para qualquer um jagunço, sendo um inconstante patrão, que às vezes regia ajuda, mas, outras horas, sem espécie nenhuma, desandava de lá – proteção se acabou, e – pronto: marretava!” (ROSA, 1994, p. 325). Ele reflete sobre o fato que, em certas situações, Deus podia ou não, estar presente com os jagunços. Algo que acontece em outros momentos, como este:

Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupihando. [...] A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? (ROSA, 1994, p. 306).

Nesse momento, é apresentada uma reflexão do protagonista, a respeito de Deus estar com os jagunços, pelo fato de serem pessoas que praticam crimes, ou seja, são pecadores. Algo que ocorre pela falta de contato entre Deus e o homem. Outra questão que o intriga bastante em sua travessia é a dúvida sobre a existência do diabo. Apesar da incerteza, Riobaldo enfrenta os seus medos e faz um pacto com o diabo.

O pacto é realizado com o objetivo de derrotar Hermógenes e vingar a memória de Joca Ramiro. Ao longo da narrativa, há vários questionamentos do

personagem, pois quando realiza o pacto, não houve a materialização do diabo, “– “Ei, Lúcifer! Satanás, dos meus Infernos!” Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido.” (ROSA, 1994, p. 601-602). Dessa forma, ele fica em dúvida se realmente aconteceu.

[...] o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... invencionice falsa! (ROSA, 1994, p. 27).

Há uma grande contradição no personagem, pois em alguns momentos nega a existência do diabo, em outros, afirma. Mesmo negando, faz um pacto com o diabo. Sobre esse fato, Candido realiza uma reflexão, “Mas por que o demônio em tudo isso? Porque nada encarnaria melhor as tensões da alma nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios inexplicáveis do sertão.” (CANDIDO, 2002, p. 136). A presença do diabo surge como mais um dos conflitos interiores de Riobaldo. A dúvida sobre a sua existência é algo que permeia a narrativa. Sendo assim, também, uma grande inquietação humana, que é apresentada pelo protagonista.

### 3 O HERÓI PROBLEMÁTICO NO GRANDE SERTÃO

A busca do sentido em tudo que vivencia durante a narrativa e pelo autoconhecimento são marcantes características do herói romanesco. Lukács realiza uma discussão acerca da existência de diferentes tipos de heróis em sua produção, um deles aborda a categoria do herói problemático. Na obra **Grande Sertão: veredas**, Riobaldo ilustra as características dessa classificação heroica.

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento (LUKÁCS, 2000, p. 83).

O herói problemático surge quando, “O abandono do mundo por Deus revela-se na inadequação entre alma e obra, entre interioridade e aventura, na ausência de correspondência transcendental para os esforços humanos.” (LUKÁCS, 2000, p. 99). Na obra **Grande Sertão: veredas**, Riobaldo ilustra as características dessa classificação heroica. Ele apresenta alguns questionamentos humanos sobre a solidão do homem, o teórico relaciona isso à falta de contato entre o homem e a

transcendência que ocorre na modernidade. Este “abandono” leva a um dramático conflito entre os atos limitados do herói e suas ilimitadas pretensões sobrenaturais.

Há uma dualidade entre a alma e o mundo, sendo assim, um aspecto do herói romanesco apresenta caráter demoníaco. A ação de cada herói deve estar relacionada ao grau de inadequação entre o herói e o mundo. No conceito do idealismo abstrato, apresentado por Lukács, ocorre um estreitamento da alma pela ação demoníaca permanente a qual o herói está entregue. Ele busca aventuras que demonstram sua inadequação com o mundo, como bem reflete o teórico:

Aqui se revela com toda a nitidez o caráter não-divino, demoníaco dessa obsessão, mas ao mesmo tempo sua semelhança igualmente demoníaca, perturbadora e fascinante com o divino: a alma do herói repousa, fechada e perfeita em si mesma, como uma obra de arte ou uma divindade; mas essa essência só pode exprimir-se no mundo exterior em aventuras inadequadas, que apenas para o enclausuramento maníaco em si mesmo não têm poder de refutação; e seu isolamento, à semelhança de uma obra de arte, separa a alma não somente de cada realidade externa, mas também de todas as regiões na própria alma não aprisionadas pelo demônio. (LUKÁCS, 2000, p. 102-103).

Fica evidente que a alma do herói problemático é fechada em sua própria interioridade e, desse modo, ele só deverá se manifestar exteriormente de maneira inadequada. Mesmo buscando desafiar a realidade, esta permanece lhe impondo derrotas. Apesar disso, ele conserva-se em sua natureza intransigente. Outro fato relevante é o caráter irônico do gênero romance.

Para o romance, a ironia é essa liberdade do escritor perante deus, a condição transcendental da objetividade da configuração. Ironia que, com dupla visão intuitiva, é capaz de vislumbrar a plenitude divina do mundo abandonado por deus; que enxerga a pátria utópica e perdida da idéia que se tornou ideal e ao mesmo tempo a apreende em seu condicionamento subjetivo-psicológico, em sua única forma de existência possível; ironia que - ela própria demoníaca - concebe o demônio no sujeito como essencialidade metassubjetiva e, com isso, num pressentimento inexprimido, fala de deuses passados e futuros quando narra as aventuras de almas errantes numa realidade inessencial e vazia; ironia que tem de buscar o mundo que lhe seja adequado no calvário da interioridade [...] A ironia, como auto-superação da subjetividade que foi aos limites, é a mais alta liberdade possível num mundo sem deus. (LUKÁCS, 2000, p. 96-97).

A ironia surge como uma forma de liberdade, pois o herói está sozinho em um mundo sem deus, então, deve buscar o sentido que acredite ser coerente em seu

interior. É possível perceber, que a existência da liberdade possibilita o paralelo entre deus e demônio, no fato de existir ou não. Isso ocasiona uma grande inquietação em Riobaldo, durante a sua travessia pelo sertão.

O problema da existência de Deus e do Demônio e o das relações entre o Bem e o Mal, plano de fundo de Grande sertão: veredas, pode ser enquadrado nessa perspectiva que nos foi possível traçar [...] da transubstanciação do humano em divino, uma vez libertado aquele centro incomovível da alma, participe da Unidade. Em abono dessa conclusão, nada melhor do que as últimas reflexões de Riobaldo, terminando o relato da epopeia do sertão. “Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.” Ao dizer que o que existe é homem humano, Riobaldo não somente estaria dando ênfase ao seu pensamento, por essa feliz redundância poética, mas talvez lhe passasse no espírito a suspeita de que o humano contém só um dos lados da natureza do homem, e que a vida é uma tentativa de travessia – para o outro lado, divino. (NUNES, 2013, p. 71).

Nessa passagem, Nunes reflete sobre a ironia estar presente, no fato de Rosa idealizar o demônio no sujeito, “[...] o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum.” (ROSA, 1994, p. 7). Há uma concepção, que é como se o bem e o mal (Deus e diabo) estivessem presentes no homem: “Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus.” (ROSA, 1994, p. 484).

Dessa forma, fica evidente que o mundo sem Deus concede ao ser humano liberdade para encontrar o sentido e o sagrado. Porém, ele só o encontra, realizando uma eterna travessia dentro de si mesmo. Algo que se torna claro, por meio das vivências e reflexões de Riobaldo ao longo de sua jornada pelo sertão e pela sua interioridade.

#### 4 TRAVESSIA DENTRO DE SI MESMO NO GRANDE SERTÃO

A narrativa do **Grande Sertão: veredas** constitui-se do anseio de Riobaldo em compreender a vida e a si mesmo, através da rememoração dos acontecimentos vividos por ele, a fim de atribuir sentido a sua travessia pelo sertão.

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas é que a gente está pertinho

do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (ROSA, 1994, p. 134).

A partir desse trecho, é possível compreender que relatar o auxilia na compreensão dos fatos vivenciados. Além disso, demonstra o caráter de herói problemático apresentado por Riobaldo, que vive em uma permanente busca pelo sentido e autoconhecimento, através das reflexões realizadas durante toda a obra.

Mais adiante, ele diz, “Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas.” (ROSA, 1994, p. 134). Nesse momento, torna-se perceptível, a existência de um mundo heterogêneo, em que o sentido não é imanente, de forma que nenhum ser humano pôde atingir o verdadeiro sentido existencial, caracterizada pela fala de Riobaldo sobre o sertão.

Apenas poucas pessoas conseguem alcançar vislumbres da verdade, adentrar em algumas veredas do grande sertão, porém sem conseguir atingir a plenitude do sentido. A reflexão sobre essa passagem do texto caracteriza uma afirmação do teórico Georg Lukács sobre o gênero romance.

A imanência do sentido exigida pela forma é realizada pela sua experiência de que esse mero vislumbre do sentido é o máximo que a vida tem para dar, a única coisa digna do investimento de toda uma vida, a única coisa pela qual essa luta vale a pena. Esse processo abrange toda uma vida humana, e a par de seu conteúdo normativo, o caminho rumo ao autoconhecimento de um homem, são dados também sua direção e seu alcance. (LUKÁCS, 2000, p. 83).

É possível compreender que o gênero romance é marcado pela busca do sentido da vida e pelo autoconhecimento do protagonista. Um exemplo claro dessas características é a jornada de Riobaldo na obra, “Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo.” (ROSA, 1994, p. 207). Em diversos momentos, o protagonista reflete sobre as suas ações e acontecimentos durante a sua travessia pelo sertão.

A forma biográfica realiza, no romance, a superação da má-infinitude: de um lado, a extensão do mundo é limitada pela extensão das experiências possíveis do herói, e o conjunto dessas últimas é organizado pela direção que toma o seu desenvolvimento rumo ao encontro do sentido da vida no autoconhecimento; [...] (LUKÁCS, 2000, p. 84).

O romance apresenta uma característica biográfica, pois as experiências do indivíduo ocorrem durante a sua vida. Ele chega a afirmar que “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (ROSA,



1994, p. 85). Isto é, a travessia representa a trajetória dele, o protagonista tenta encontrar o sentido da vida durante a sua jornada pelo sertão

Além disso, algo que apresenta destaque na obra é o amor que Riobaldo sente pelo jagunço Diadorim. Ele tenta entender o que está acontecendo, pois nunca havia sentido atração por homens, mas isso muda quando o conhece, “Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desconstruídos.” (ROSA, 1994, p. 200). Chega a afirmar que: [...] Diadorim é a minha neblina...” (ROSA, 1994, p. 27).

A neblina surge como representação da incerteza e confusão das emoções provocadas pelo jagunço “Diadorim é um outro modo de amor [...] tinha um quê de paradisíaco, de idílico, e algo de ameaçador, escondendo o encanto noturno e proibido de uma felicidade enganosa [...] (NUNES, 2013, p. 70). Apesar de Riobaldo amar Diadorim, sente ódio, alegando que é algo errado, além de ter medo do desconhecido, por nunca ter sentido nada parecido anteriormente.

Cheguei a tirar a roupa. Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. “Agançagem!” – eu pensei. Destapei raivas. Tornei a me vestir, e voltei para a casa do preto; [...] agora o que eu queria era ímpeto de se viajar às altas e ir muito longe. A ponto que nem queria avistar o Reinaldo. (ROSA, 1994, p. 200).

O Reinaldo a que ele se refere nesse trecho é Diadorim. O jagunço se apresenta ao bando como Reinaldo. Mas, depois, pede a Riobaldo, que quando estiverem a sós, o chame de Diadorim. Posteriormente, Riobaldo descobre que Diadorim é, na verdade, uma mulher. Porém, apenas realizou tal descoberta, próximo ao fim da obra.

Então, ao longo de sua jornada, demonstra travar uma batalha interna muito intensa. Por conta da existência do sentimento pelo jagunço, Riobaldo ainda pensa em fugir, porém nunca consegue ir. A cada dia que passava, ele estava mais envolvido nessa relação.

Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. [...] Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? (ROSA, 1994, p. 201).

Riobaldo relaciona ao diabo o que sente pelo jagunço, como se estivesse enfeitiçado. Além disso, o próprio sentimento por Diadorim apresenta-se como algo

complexo. Ele busca explicações e sentido para o que está vivendo. Características típicas do herói problemático.

Diadorim [...] é ao mesmo tempo, divino e diabólico. É ele quem, ainda menino, ensina Riobaldo a ver a beleza que vai pelo mundo. Mas no instante em que ilumina a alma do companheiro, marca-lhe sombriamente o destino. Na amizade com Diadorim-menino estaria a antecipação daquele pacto com o demônio, que Riobaldo se decidiu a firmar. (NUNES, 2013, p. 70).

Em sua relação com Diadorim, Riobaldo conhece mais de si mesmo. Descobre gostos e costumes, até então desconhecidos. Apesar do contexto em que estavam, um sertão marcado pela violência, o jagunço demonstra ter cuidado e carinho por Riobaldo.

De estar folgando assim, e com o cabelo de cidadão, e a cara raspada lisa, era uma felicidadezinha que eu principiava. Desde esse dia, por animação, nunca deixei de cuidar de meu estar. O Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga. Às vezes, eu tinha vergonha de que me vissem com peça bordada e historienta; mas guardei aquilo com muita estima. E o Reinaldo, doutras viagens, me deu outros presentes: camisa de riscado fino, lenço e par de meia, essas coisas todas. Seja, o senhor vê: até hoje sou homem tratado. Pessoa limpa, pensa limpo. Eu acho. (ROSA, 1994, p. 199).

A passagem ilustra o vínculo entre os personagens, Diadorim corta o cabelo e faz a barba de Riobaldo. O protagonista fica tão feliz, a partir desse ato, que leva como costume para a sua vida, ou seja, o jagunço demonstra atitudes que ele descobre gostar. Como em outro momento da narrativa: “A garoa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim...” (ROSA, 1994, p. 29).

Diante desses trechos, torna-se perceptível a identificação existente entre os dois e o convívio entre eles estimula a jornada de autoconhecimento do protagonista. Ademais, ele sente uma familiaridade em Diadorim, chega a afirmar que há uma semelhança com a sua mãe “Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe.” (ROSA, 1994, p. 201). É notável uma ligação muito marcante entre os dois, pois Diadorim faz com que Riobaldo descubra-se enquanto ser humano.

Há um momento durante a narrativa, em que essa questão do autoconhecimento se torna bastante evidente, quando Riobaldo realiza uma travessia com um menino pelo rio São Francisco, que mudou a vida dele. Inclusive, afirma “O São Francisco partiu minha vida em duas partes.” (ROSA, 1994, p. 436). Isto é, após a travessia, há uma mudança na vida do protagonista.

Durante a travessia, Riobaldo sente muito medo, “Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques [...]” (ROSA, 1994, p. 144). Ele teve muito medo da canoa virar, pois era feita de peroba, uma madeira que afundava e pela água do rio que estava agitada. Além disso, Riobaldo não sabia nadar, o menino também não, porém se mantém tranquilo durante toda a travessia, algo que deixa o protagonista muito intrigado.

Quieto, composto, confronte, o menino me via. – “Carece de ter coragem...” – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Dói de responder: – “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: – “Eu também não sei.” Sereno, sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. – “Que é que a gente sente, quando se tem medo?” – ele indagou, mas não estava remoqueando; não pude ter raiva. – “Você nunca teve medo?” – foi o que me veio, de dizer. Ele respondeu: – “Costumo não...” (ROSA, 1994, p. 145).

Um tempo depois, é revelado que o menino da travessia é Diadorim. Durante a travessia, Riobaldo aprende mais uma lição com o jagunço, que é ter coragem: “O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De Deus, do demo? (ROSA, 1994, p. 148). Riobaldo fica perplexo, querendo saber de onde vinha tanta coragem. Se era algo divino ou do demônio, questionamento que prevalece durante a obra. Diadorim sempre é retratado demonstrando segurança, característica que agrada Riobaldo, pois este sente medo e insegurança ao longo da travessia e da narrativa.

Nas águas do Rio, eixo líquido, dá-se o encontro com o Menino, com Diadorim menino, que marcaria toda a vida do narrador [...]. Simbolicamente, eles vão e vêm, de uma à outra margem, cruzando e tocando as duas metades qualitativas do Sertão, do Mundo, pois Diadorim é uma experiência reversível, que une fasto e nefasto, lícito e ilícito, sendo ele próprio duplo na sua condição. (CANDIDO, 2002, p. 125).

É possível analisar essa travessia como metáfora de uma jornada que ocorre dentro de si mesmo, com o objetivo de vencer medos, enfrentar o desconhecido, o outro lado do rio que, na verdade, é o sentimento dele por Diadorim. A relação dos personagens é marcada por esse momento que possui grande relevância, pois apresenta a travessia como algo que sobrepõe um trajeto físico e revela algo que ocorre no interior do protagonista ao longo da obra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar o perfil de herói problemático do protagonista Riobaldo no romance **Grande Sertão: veredas**, de Guimarães Rosa. Foram apresentadas as ideias do autor Georg Lukács, além da concepção de romance moderno de Walter Benjamin, que auxiliaram na interpretação dessa jornada investigativa. Por meio das definições de Lukács, foi possível observar no personagem Riobaldo o caráter problemático da inadequação entre o mundo exterior e a sua interioridade, decorrente do conceito do idealismo abstrato elaborado em **A Teoria do Romance**. Fica evidente, através das reflexões e questionamentos internos do protagonista, um teor problemático que aponta para as concepções de Lukács.

Este mundo fragmentado, na obra analisada, apresenta as inquietações, questionamentos e reflexões do homem moderno. Diante de tais traços e discussões, torna-se possível afirmar que Riobaldo é um herói problemático. Este perfil de herói, concebido de acordo com a teoria de Lukács, caracteriza com propriedade os atributos do romance moderno que se encontra evidenciado pela solidão e conflito da interioridade humana. Guimarães Rosa salienta as particularidades dessa produção, através da sua escrita, que explora as dimensões filosóficas e psicológicas da condição humana. Sendo possível concluir que Riobaldo é condenado à obscura submissão da realidade existente e tem o seu caráter problemático estabelecido, pois o protagonista continua encarnando os seus conflitos existenciais e emocionais. Desse modo, demonstra que permanece realizando a eterna travessia dentro de si mesmo.

---

#### Referências

---

BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. São Paulo: Nacional, 2002.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: PINHEIRO, Victor Sales (Org.). **A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

---

#### Para citar este artigo

---

MOTA, I. M. da S. Riobaldo: travessia do herói problemático no grande sertão. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 227-239.

---

**A autora**

---

IZABELLY MARIA DA SILVA MOTA é mestranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco.